

A CADEIRA DE CIRURGIA EM VILA RICA: VIEIRA DE CARVALHO NA POLÍTICA DE D. RODRIGO DE SOUZA COUTINHO - 1797-1802

Evandro Carlos Guilhon de Castro
Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz
Doutorando em História das Ciências e da Saúde
Bolsista da Fiocruz
ecguilhon@gmail.com

Resumo: Analisa a instalação da “Cadeira de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia” em Vila Rica de Ouro Preto e a respectiva nomeação do cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho para ocupar o cargo de lente da mesma no ano de 1801. A medida é analisada sob o contexto da administração exercida por D. Rodrigo de Souza Coutinho, enquanto Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos de Portugal – posição que ocupa a partir de 1796. As relações entre Iluminismo e administração luso-brasileira pré-enunciadas pela historiografia permeiam o tratamento da temática que recorre à correspondência oficial sob a guarda do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. A partir dessa ótica, a institucionalização da cirurgia em Minas Gerais colonial – identificada junto ao Hospital Militar de Vila Rica e sob a responsabilidade de um cirurgião português do Regimento de Cavalaria – antecipa a discussão a respeito da difusão do saber e das relações entre ciência e forças armadas para a virada do século XVIII para o XIX, em contraposição à sua demarcação a partir do período joanino e/ou da conjuntura da pós-independência política brasileira.

Palavras-chave: cirurgia - forças armadas - Minas Gerais colonial

Abstract: This study intends to analyse the attachment of “Surgery, Anatomy and Obstetrics Course” in Vila Rica de Ouro Preto and the appointment of Surgeon Major Antônio José Vieira de Carvalho for the position of lens. This fact is analysed on the context of the administration D. Rodrigo de Souza Coutinho as Minister and Secretary of State and Overseas of Portuguese Empire. The relationships between Enlightenment and luso-brasilian administration mentioned in historiography underlie this analysis, which is based on the official correspondence from Overseas Historical Archive of Lisbon. On this basis the establishment of surgery in Minas Gerais – related to Hospital Militar de Vila Rica and under charge of a portuguese surgeon of Cavalry Regiment - anticipate discussions about the spread of knowledge and the relations between science and Armed Forces in the turn of the eighteenth to the nineteenth century in contrast with the joanin period and brazilian political conjuncture of post-independence.

Keywords: surgery, military, colonial Minas Gerais

Este texto apresenta informações de pesquisa em andamento¹ e possui o objetivo de analisar a inserção do cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho na política

¹ Trata-se do projeto intitulado, até o presente, *Cirurgiões em Minas Gerais Colonial*, que venho desenvolvendo junto ao doutoramento em História da Ciência e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz.

administrativa de D. Rodrigo de Souza Coutinho no cargo de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos de Portugal (1896-1801) e também no cargo de Presidente do Real Erário (1801-1803).

O cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho é destacado historiograficamente não apenas por ter sido nomeado, em 1801, para ministrar aulas de “Anatomia, Cirurgia e Obstetrícia” no Hospital Militar de Vila Rica (EUGÊNIO, 2009; PERUCCI, 2011), mas, sobretudo, por ter, nesse mesmo ano, traduzido para a língua portuguesa *Observationssurlesmaladiesdesnègres*, de JeanBarthelemyDazille (EUGÊNIO, 2000; ABREU, 2007; NOGUEIRA, 2012).

Guardadas as especificidades de cada uma dessas referências cabe antecipar que elas já são passíveis de remeter o nome deVieira de Carvalho às ações administrativas de D. Rodrigo de Souza Coutinho ao considerarmos sua consonância com os projetos e as reformas implantados pelo estadista ilustrado português afim de desenvolver o reino português e suascolôniasa partir de conhecimentos úteis (DIAS, 2005: 55). Neste sentido, vale destacar em sua administração, a fundação da Tipografia do Arco do Cego em Lisboa no ano de 1798 com a finalidade de divulgar conhecimentos de ciências naturais e de agricultura (DIAS, 2005: 57)e responsável pela impressão das *Observações sobre as enfermidades dos Negros* – resultado da tradução efetuado por Vieira de Carvalho da obra do cirurgião francês Dazille, publicada Paris em 1776 e que aborda fatores que contribuíam para diminuir a mortalidade entre os negros;observadosa partir de seu posto de cirurgião militar na ilha de Santo Domingo, no Caribe (DAZILLE, 1801).

Acrescenta-se que o enfoque no bem-estar e na saúde dos povos – identificado tanto na temática da obra traduzida por Vieira de Carvalho como em sua nomeação para a recém-criada Cadeira de Cirurgia, Anatomia e Operações em Vila Rica – é pertinente à ótica iluminista já em voga no mundo português desde os meados do século XVIII, onde o renascimento científico utilitário, sobretudo, no campo das ciências naturais e mecânicas, visava proporcionar a felicidade e a saúde dos homens(DIAS, 2005, p.40). Sob este ponto de vista, a instituição da referida Cadeira em Vila Rica na administração de D. Rodrigo de Souza Coutinho no Ministério dos Negócios Ultramarinos deu continuidade à institucionalização do ensino de cirurgia teórico no Brasil que já se iniciara na forma de aulas na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro em 1790; e que, posteriormente, em 1803, em sua administração do Real Erário, teve continuidade com a implantação de aulas de cirurgia também no Hospital Militar de São Paulo (SANTOS FILHO, 1991, p.27).

Recentemente um novo aspecto, mais característico da política utilitarista de D. Rodrigo de Sousa, pode ser constatado a partir das atividades de Vieira de Carvalho em Vila Rica: a fundação em 1802 de uma fábrica de louças em sua chácara situada a meia légua da vila, no lugar chamado Morro de Saramenha e que, posteriormente, passou a ser denominada Cerâmica Saramenha(LAGE, 2010, p. 28). Aspecto este reforçado pela identificação de sócio no referido empreendimento, o Padre José Joaquim Viegas de Meneses.

O Padre Viegas como é mais conhecido, possui certa notoriedade histórica por ser considerado o precursor da “imprensa mineira”, tendo fundado a primeira tipografia e o primeiro jornal – O Compilador Mineiro – em Minas Gerais, respectivamente nos anos de 1822 e 1823 (VEIGA, 1898). No entanto, suasociedade com Vieira de Carvalho é mais reveladora das conexões de ambos com D. Rodrigo de S. Coutinho pelo fato, primeiramente, de ter estagiado em uma fábrica de cerâmica em Benfica e, sobretudo, por ter aprendido tipografia e calcografia na Tipografia do Arco do Cego com o frei José Marianno da Conceição Velloso (MARTINS, 1974).

Contudo, podemos perceber o processo de inserção do cirurgião-mor Antonio José Vieira de Carvalho à política ilustrada de D. Rodrigo de S. Coutinho, constada nesses acontecimentos ocorridos entre 1801 e 1802, tratados acima, desde o ano de 1897 a partir de de três cartasoficiais entre o Ministro Coutinho e Bernardo José de Lorena, então Governador da Capitania de Minas Gerais.

Cronologicamente, a primeira delas, trata-se de uma carta-resposta do governador ao Ministro – datada de 7 de outubro de 1797 – em relação a uma “representação” enviada a Dona Maria, Rainha de Portugal por Joaquim Félix Pinheiro: um cirurgião mineiro (de São João Del Rei) radicado em Portugal, onde era “assistente na Corte” e estudante de medicina prática; e na qual propunha o estabelecimento de uma “*Cadeira de Cirurgia, Anathomia, e Partos*” em Minas Gerais (AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

Entre as justificativas utilizadas por Joaquim Félix Pinheiro, encontradas na “representação”, para a instalação da dita cadeira destacam-se a promoção do “*bem dos povos ultramarinos*” e a necessidade da Capitania devido à sua grande extensão territorial segundo ele que “*abrange mais de quatrocentas legoas quadradas*”, a sua grande população e a escassez de professores, em suas palavras “*em toda Ella não há huma dúzia de professores hábeis de Cirurgia, e absolutamente nenhum q entenda de Partos*” (AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

A respeito desta “*raridade de cirurgiões inteligentes*”, aponta a ausência no “*principal hospital do país*” – se referindo a hospital do Rio de Janeiro – de uma cadeira “*na qual se anatomizassem os cadáveres [...] para um perfeito conhecimento da estrutura do corpo humano*”. Alega também a preferência dos cirurgiões europeus em se estabelecerem junto aos portos marítimos, “*onde faziam as mais avultadas conveniências*. Além disso, considera ainda que o ensino existente no Hospital do Rio de Janeiro absorvia a demanda da mesma capitania com o agravante de Minas Gerais situar-se distante dela e também carecer de víveres, servindo de obstáculo à “*mocidade pobre, que são ordinariamente os que se dedicam a esta profissão*”. Concluindo que, desse quadro, resulta que “*na cabeça de cada uma das comarcas de Minas Gerais apenas se acham três ou quatro professores de Cirurgia, e que nas mais Vilas, e Arraiais eles são tão raros, q há cirurgião que é chamado para curar em 10 e 12 léguas de distancia*” ocasionando grande mortandade entre os vassalos locais” (AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

Passa então a analisar os danos decorrentes da “*ignorância*” do trabalho das parteiras, do qual, igualmente, resulta na mortandade de muitas crianças, “*vítimas dos estúpidos destas mulheres em toda a parte sem princípios*”. E continua seu julgamento, contra as parteiras e em defesa da formação de cirurgiões, chamando a atenção no prejuízo que causam à escravatura. De acordo com o Joaquim Félix Pinheiro seria sobre esta que “*mais descarrega o peso essencial da falta destes conhecimentos. Elles segundo a ordem das couzas humanas produziriam mais, teriam mais duração havendo maior n.º de professores hábeis, q facilmente pudessem acudir-lhe nas suas enfermidades, e desgraças, indo logo visitá-los às lavras mais remotas onde trabalhão. E pois elles formão os braços, e a riqueza daqueles colonos, e por sequencia a do Estado parece q a sua perda, vem a ser uma perda Real para a Metrópole*”(AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

Finalizando, propõe a criação da referida cadeira de Cirurgia, Anatomia e Partos na capital Vila Rica, localizada no centro da Capitania e onde já estava em funcionamento o Hospital Militar; ou, como opção, a Vila de São João del Rey que também era populosa e possuía hospital; e sugere recorrer-se ao “*subsídio Literário, estabelecido paraos professores de Letras*” para extrair-se o ordenado da cadeira (AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

Em sua resposta sobre a representação de Joaquim Félix Pinheiro, o Governador Bernardo José de Lorena fez a seguinte explanação do assunto:

...É sem duvida utilíssimo o estabelecimento da dita Cadeira; porém é tão bem certo existir aqui o Cirurgião Mor do Regimento Regular

Antonio José Vieira de Carvalho, discípulo de Manoel Constancio no Hospital Real de Lisboa, de grandes créditos nesta Capital, e de bons estudos, que talvez exercitasse a dita cadeira com menos despeza da Real Fazenda; pois qualquer já lhe acrescia sobre o seu soldo. No Hospital Militar há lugar para se estabelecer huma aula suficiente...” (AHU, CU 011, Cx. 143, D. 10904).

Um ofício despachado por D. Rodrigo a Bernardo José de Lorena em 23 de maio de 1801 prorrogando a licença do cirurgião-mor Vieira de Carvalho junto à corte por mais um ano (APM, SC-295), demonstra que o cirurgião-mor teria se dirigido a Portugal no ano de 1800. Certamente, Vieira de Carvalho lá se encontrava não somente para tratar da publicação da tradução do trabalho de Dazille e de sua nomeação para lente de Anatomia, Cirurgia e Operações no Hospital Real Militar de Vila Rica, mas também de seu futuro empreendimento em sociedade com o Padre José Joaquim Viegas de Menezes.

Uma segunda carta resposta de Bernardo José de Lorena a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, do dia 20 de setembro de 1801, a respeito do “Requerimento de Antônio José Vieira de Carvalho pedindo a graduação e soldo de capitão”(AHU, CU 011, Cx. 159, D. 11928) também é elucidativo dos acontecimentos que se desenrolariam em torno das relações entre os dois dirigentes coloniais e o cirurgião-mor no período em que esteve em Portugal. Acompanha o requerimento dez atestados de bons serviços de autoridades coloniais que reiteram as qualidades do requerente de homem ilustrado e com conhecimentos em ciências naturais e nas artes úteis. Entre estes se encontra a atestação do Governador Lorena de sua instrução na língua francesa e de Luis Beltrão de Gouvêa de Almeida – Conselheiro da Fazenda do Ultramar e Chanceler da Relação do Rio de Janeiro – “*de suas experiências sobre Argilas próprias para a Fabrica, e composição da Porcelana*”(AHU, CU 011, Cx. 159, D. 11928); virtudes que seriam requeridas nos acontecimentos que se concretizariam na tradução da obra de Dazille e na fundação da fábrica de cerâmica.

Podemos concluir que tais considerações estendem e reafirmam os aspectos da inserção de Antônio José Vieira de Carvalho na política de D. Rodrigo de Souza Coutinho, demonstrando também que o período de 1797 a 1801 representou uma conjuntura favorável à carreira deste cirurgião-mor ao atentarmos para sua trajetória de vida. Abrem também a perspectiva do desdobramento da pesquisa para o aprofundamento de suas relações interpessoais e de patronagem na sua carreira profissional.

Referências Bibliográficas

Documentação

Arquivo Público Mineiro. Secretaria do Governo da Capitania (Seção Colonial). Notação: SC -295. Microfilme: Rolo 63, Gaveta G-4. (Carta de D. Rodrigo de Souza Coutinho a Bernardo José de Lorena prorrogando a licença de Antônio José Vieira de Carvalho na corte, 1801).

AHU, CU011, Cx. 143, D. 10904. (CARTA de Bernardo José de Lorena, governador das Minas Gerais, a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, secretário de Estado dos Domínios Ultramarinos, dando seu parecer sobre os meios próprios com que se poderá estabelecer a cadeira de Cirurgião na Vila Rica).

AHU, CU011, Cx. 159, D. 11928. (CARTA de Bernardo José de Lorena, governador das Minas, para D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o requerimento que junta de Antônio José Vieira de Carvalho, cirurgião-mor do Regimento de Cavalaria Regular da dita Capitania, no qual pede a graduação e soldo de capitão no seu exercício de cirurgião-mor).

Bibliografia

ABREU, Jean Luiz Neves. A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América Portuguesa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, n. 3, 2007, p. 761-778.

DAZILLE, Jean Barthélemy. Observações sobre as enfermidades dos negros. Trad., Antônio José Vieira de Carvalho. Lisboa: Tipografia do Arco do Cego. 1801.

DIAS, Maria Odila L. S. Aspectos da Ilustração no Brasil. In: Dias, Maria Odila L. S. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda. 2005. p. 39-126.

EUGÊNIO, Alisson. As doenças de escravos como problema médico em Minas Gerais no final do Século das Luzes. *Varia Historia*, n. 23, 2000, p. 154-163.

EUGÊNIO, Alisson. Ilustração, Escravidão e as condições de saúde dos escravos no Novo Mundo. *Varia Historia*, n. 41, 2009. 227-244.

MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Vol. 2. IPHAN, Rio de Janeiro. 1974.

NOGUEIRA, André. Universos Coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.179-196.

PERUCCI, Sueli. Os primórdios do curso de Medicina em Ouro Preto. In: <medicina.ufop.br>. Acesso em 18/07/2011.

SANTOS FILHO, Licurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec. 1991.

VEIGA, José Pedro Xavier da. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ano III, 1898, p. 169-249.